



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Famílias e Curso de Vida [ST]

---

#### **OS MODOS COMO OS IDOSOS ENCARAM AS SUAS REDES SOCIAIS: MOTIVAÇÕES DIVERSIFICADAS**

---

RAMOS, Carla da Silveira  
Doutoranda em Sociologia,  
Instituto Universitário de Lisboa  
[carla\\_amos@live.com.pt](mailto:carla_amos@live.com.pt)

---



### Resumo

As principais conclusões em que se consubstanciou este *paper*, aferiram não somente como eram as redes sociais dos idosos lisboetas como também qual foi o papel da ditadura na maneira como estes encaravam as suas redes.

Na Freguesia de São José os valores ditatoriais relacionados com a importância da Família e da Igreja estavam mais patentes do que na Freguesia de Benfica, apesar da restrição familiar que se fazia sentir na primeira. As idades mais elevadas dos idosos aí residentes, as configurações familiares, os baixos recursos económicos, que prevaleceram devido à falta de escolaridade, eram impulsionadores da manutenção destes valores, a jusante de algum conservadorismo.

Deste modo, para a maioria dos idosos residentes na Freguesia de São José as redes amicais não pertenciam, definitivamente, à família enquanto para outros estas eram quase da família, levando estes o catolicismo bastante a sério, ao contrário do que acontecia na Freguesia de Benfica, onde os idosos podiam considerar as redes amicais como pertencendo à família e não levar o catolicismo tão a sério. Mais há a dizer que os espaços urbanos em questão, de edificação mais antiga na Freguesia de São José e mais recente na Freguesia de Benfica, motivavam o modo como os idosos formavam e desenvolviam as suas redes de relacionamento e, conseqüentemente, a forma como as encaravam.

### Abstract

The principal conclusions of this paper are based not only on how social networks of Lisbon's elderly were but also what was the role of dictatorship in the mode they thought about their social networks.

At Freguesia of São José dictator values related with importance of Church and Family were more present than at Freguesia of Benfica, despite family restrictions felt in the former. The more advanced ages of elderly residents, their family configurations, their fewer economic resources, which prevailed because of a schooling lack, were motors of these values maintenance, together with some conservatism.

So, the majority of Freguesia of São José elderly did not, definitely, think that peers networks included the family while others thought of them as being almost from the family; they also took seriously catholic believes. By contrast, Freguesia of Benfica elderly might consider that peers networks belonged to the family and might not take Catholicism seriously. The urban spaces in question, of ancient construction at São José and of more recent construction at Benfica, motivated the mode elderly formed and maintained their networks of relations and, consequently, the way they saw them.

Palavras-chave: redes sociais, representações das redes sociais, espaço urbano local.

Keywords: social networks, representations of social networks, local urban space.

## Introdução

A investigação que é aqui discutida centrou-se no estudo das redes de relações (intra e inter) geracionais dos idosos, nas suas (re)configurações familiares e no modo como eram condicionadas pelo espaço urbano em que estes residiam. Propôs-se compreender de que modo espaços urbanos como a Avenida da Liberdade geravam a invisibilidade dos seus habitantes, que se circunscreviam ao espaço doméstico, contrariamente a outros como Benfica, em que os seus residentes povoavam o espaço urbano público. Selecionou-se esta temática por se fazer notar uma lacuna de investigação no espectro sociológico sobre as redes sociais dos idosos, em particular no que respeitava às redes de relações geracionais que estes protagonizavam, e as suas configurações familiares em contexto urbano.

Com esta investigação visou-se contribuir para o conhecimento mais aprofundado das redes de relações geracionais da população idosa residente em Benfica e nas imediações da Avenida da Liberdade e das suas configurações familiares. Face à imagem enviesada e unilateral dos idosos veiculada pelos *media*, tencionou-se dar um contributo para o estudo das múltiplas realidades (Guerreiro, 2003) que pertenciam à invisibilidade do imaginário sobre os idosos.

Em primeiro plano importou responder às questões de partida: (i) Como é que se constituíam as redes de relações (inter e intra) geracionais e as configurações familiares dos idosos em contexto urbano? (ii) Como é que os espaços urbanos se adaptavam ao envelhecimento populacional e de que modo configuravam as redes sociais dos idosos neles residentes? Destas questões surgiu a ideia de que as condições espaciais podiam enfraquecer ou reforçar os comportamentos dos indivíduos. A última questão de partida pretendeu aferir desta na sua vertente comparada: (iii) De que modo a Avenida da Liberdade produzia uma invisibilidade dos residentes idosos nas suas imediações, por contraponto a Benfica, onde os idosos residentes povoavam o espaço? A seleção dos instrumentos metodológicos pretendeu averiguar das seguintes hipóteses: (i) A diferentes espaços urbanos correspondiam diferentes redes de relações geracionais, (ii) A diferentes espaços urbanos correspondiam diferentes configurações familiares, (iii) A diferentes configurações familiares correspondiam diferentes redes de relações geracionais e inversamente.

Nesta investigação complementaram-se metodologias qualitativas com a informação dos Censos (2011). No que diz respeito às metodologias qualitativas, procedeu-se a pesquisas de terreno em diversos campos de observáveis. Por um lado, realizaram-se observações participantes em atividades de três centros sociais (dois inseridos nos apoios prestados por cada uma das juntas de freguesia e um nos serviços de ação social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa). Por outro lado, realizou-se uma observação do familiar em Benfica, freguesia onde residia (Velho, 1986). Como complemento das observações participantes e das conversas informais, realizaram-se 18 histórias de vida explicadas e pormenorizadas através de 18 entrevistas semiestruturadas. A caracterização dos residentes nos dois espaços urbanos – efetuada com base em variáveis como o sexo, a idade e os níveis de escolaridade completos – foi obtida com a análise dos Censos. No quadro das componentes mais marcantes pelas quais a ditadura se pautou, isto é, no quadro do enfoque na ausência de liberdade de expressão, no fechamento ao exterior e na importância da Igreja e da Família realizou-se uma análise empírica que pretendeu discutir as hipóteses.

## 1. Problemática

No enredo dos tempos modernos, as teorias da modernidade avançada fizeram notar a importância dada às decisões individuais em que a vida de cada um era uma vida de si próprio ou uma *life of one's one* (Beck e Beck-Gernsheim, 2001), daqui sobressaiu uma construção individual das biografias e, como consequência, uma falência dos laços comunais. Beck, Giddens e Lash (2000) discutiram a *modernização reflexiva*, onde se deu uma falência das estruturas comunais que se transformaram em estruturas individuais. A individualidade esperava o anonimato e a impessoalidade das interações sociais e procurava conseguir menos partilha de *interesses*, enquanto na comunidade se desejava que houvesse uma partilha de *significados*.

Do mesmo modo que os autores que se dedicaram à análise da modernidade tenderam a desvalorizar as redes de parentesco e as relações de proximidade, focando mais o indivíduo (Beck, Giddens e Lash, 2000), também nos estudos da família foi mais valorizada a relação conjugal (Durkheim, 1973) e entre os membros

da família nuclear (Parsons, Bales e Shils, 1953) do que, propriamente, as relações de parentesco e as redes familiares mais alargadas. Havia, contudo, exceções a esta tendência que tinha sofrido algumas transformações, designadamente, nos estudos da família quando se focavam as relações intergeracionais (Attias-Donfut, 1995; Attias-Donfut e Segalen, 2007; Brannen, Moss e Mooney, 2004) e no seu contributo a nível dos apoios e da prestação de cuidados. Por exemplo, para Attias-Donfut e Segalen (2007), educadores em segundo plano, os avós tinham uma função de divertimento em primeiro. Mas entravam massivamente nos apoios, não somente aos netos como aos filhos, quer na forma de guarda às crianças quer na forma de transferências financeiras e diversos serviços.

Com o surgimento das teorias das relações intergeracionais, bem como das teorias das redes sociais, não se completaram as lacunas existentes no espectro sociológico das redes sociais (intra e inter) geracionais dos idosos. Saliente-se que escasseavam estudos sobre as redes de relações e as trajetórias das gerações idosas em contexto urbano, não obstante a multiplicidade de estudos sobre a cidade (Agier, 1999; Cordeiro, 2001; Costa, 1999; Fischer, 1982; Hannerz, 1980).

Coleman (1988) e Putnam (2000) teorizaram a cada vez maior importância do capital social para a coesão e integração social dos indivíduos. Porém, segundo Adam e Roncevic (2003) o capital social era homogéneo enquanto conceito, mas este mesmo capital era heterogéneo entre os atores sociais. Nos últimos anos, o enfraquecimento do estado-providência vinha dar relevo ao conceito de capital social (Coleman, 1988) na medida em que constituía um recurso de proteção social na velhice e em situações de pobreza (Sennett, 2006). Não obstante, Coenen-Huther, Kellerhals e Allmen (1994) deram nota de que as sociabilidades familiares eram mais importante nos meios com menos capitais económicos que nos outros, nos últimos as sociabilidades amicais eram contudo mais significativas. Nas famílias mais desfavorecidas constataram menores assistência familiar e volume de grandes ajudas. Vasconcelos (2002) e Portugal (1995) notaram a existência de redes familiares extremamente matrilineares e femininas que prolongavam as diferenças interclassistas.

No âmbito da sociologia da família vinha sendo progressivamente mais reconhecido que as redes de parentesco tinham um peso estruturador no traçado das redes sociais (Kellerhals e McCluskey, 1988; Portugal, 1995; Vasconcelos, 2002). Kellerhals e McCluskey (1988) identificaram redes confinadas aos familiares mais próximos, nem sempre podendo dar resposta às necessidades dos seus elementos. Porém, Widmer (2010) chamou a atenção para a importância das redes amicais e de vizinhança, como tendo a mesma funcionalidade que a família, segundo o conceito de *bridging social capital*. Sendo importantes as redes de parentesco, também as redes amicais e de vizinhança se destacavam em populações com um perfil muito específico relativamente à idade, condições de vida, etc. Foi o que vários estudos demonstraram nomeadamente na população idosa (Timonen, 2008).

Os idosos não constituíam, porém, uma categoria monolítica (Fernandes, 2001), apresentando significativa heterogeneidade em função das suas condições sociais e residenciais (Cann e Dean, 2009; Vincent, Phillipson e Downs, 2006) e da sua situação familiar e conjugal. Note-se que a par com o crescimento do número de idosos sós, assistia-se a um volume significativo de idosos que em idade já bastante avançada continuavam a viver em casal (Guerreiro, 2003), o que se refletia nas suas redes de relacionamento geracional. Efetivamente, o envelhecimento não era somente universal como era também heterogéneo (Cann e Dean, 2009; Fernandes, 2001; Timonen, 2008; Vincent, Phillipson e Downs, 2006). A estrutura familiar tinha um impacto fundamental nas redes de apoio disponíveis para os idosos e as mudanças que surgiam neste contexto acompanhavam mudanças nas experiências de envelhecimento (Cann e Dean, 2009; Timonen, 2008).

A abordagem do curso de vida modelou-se por determinismos causais, visto que não se contemplavam os fenómenos de mudança que alteravam as desigualdades dos indivíduos, determinados atributos causavam necessariamente situações desiguais, por meio de conceitos formulados essencialmente em direção à continuidade experiencial (Rank e Hirschl, 2001). Os determinismos causais e os reducionismos foram, no entanto, complementados por análises sobre a agência humana, enquanto capacidade individual de suscitar mudança social e comportamental (Archer, 1995; Elder & Hitlin, 2007; Mouzelis, 1991).

No contexto dos estudos urbanos era reconhecida a importância do espaço urbano para a maior ou menor intensificação das redes de relações sociais (Fischer, 1982). Hannerz (1980) referiu-se à *rede das redes* em termos mais homogêneos e Agier (1999) discutiu as *redes parciais* em termos mais diversificados. Comum e expressamente, o olhar não tinha sido particularmente focado nas gerações idosas nem nas suas redes de relações geracionais. Costa (2000) e Cordeiro (2001) em estudos sobre bairros populares urbanos mostraram a relação estreita entre as características da morfologia urbana e as redes sociais locais. Em alguns aspetos, estas eram relações distintas das que ocorriam noutros espaços citadinos mais nobres, como as imediações da Avenida da Liberdade, em relação à qual se notou uma invisibilidade dos idosos aí residentes, ou em bairros de edificação mais recente, como é o caso de Benfica, onde era grande a visibilidade dos seus moradores e onde coexistiam residentes com diferentes faixas etárias e estratos sociais. Importou melhor conhecer as redes de relações (inter e intra) geracionais e as (re)configurações familiares e sociais dos idosos habitantes destes espaços urbanos e de que maneira a organização espacial as condicionava, podendo mesmo torná-las invisíveis.

## 2. Caracterização dos investigados

Em números absolutos a Freguesia de Benfica detinha 33598 indivíduos, dos quais 14804 eram homens e 18794 eram mulheres. Os idosos residentes na freguesia representavam 31,71% da população residente e as mulheres possuíam um peso de 19,19%, enquanto os seus congéneres masculinos constituíam 12,52% dessa população, uma percentagem significativamente menor que relevou uma diferença de 6,67% entre mulheres e homens idosos. Relativamente às faixas etárias que mais se destacaram na população idosa residente encontrámos valores mais elevados para os indivíduos entre os 65 e 69 anos (8,75%) e entre os 70 e 74 anos (8,02%), havendo já uma diminuição algo considerável entre os 75 e 79 anos (6,87%) e a partir deste intervalo os valores diminuíram grandemente e continuaram em ritmo decrescente. Apesar dos indivíduos das duas primeiras faixas etárias serem aqueles que, juntamente com os indivíduos entre os 60 e 64 anos (8,25%), melhor representados estavam na população residente em Benfica, existiam outros indivíduos de outras faixas etárias que também continham, no seu conjunto, números importantes, como sejam os indivíduos entre os 25 e 59 anos (47,48%) que, de algum modo, faziam notar a existência de um conjunto de residentes de faixas etárias mais novas que usufruíam, pelo menos habitacionalmente, da mesma freguesia.

A Freguesia de São José continha 2539 indivíduos, dos quais 1192 eram homens e 1347 eram mulheres. Esta freguesia apresentou, aproximadamente, um quarto (25,96%) de indivíduos com 65 ou mais anos, sendo as mulheres (16,31%) uma fração importante dos mesmos indivíduos e formando os homens uma menor parte (9,65%), mas não negligenciável. A diferença percentual entre mulheres e homens (6,66%) era muito semelhante à que foi encontrada em Benfica. Contudo, São José encerrou menos idosos residentes que Benfica, encontrando-se esta população pior representada em menos 5,75%, o que apontou para um menor envelhecimento populacional. Os números mais elevados destacaram-se, assim, nos indivíduos com idades entre os 25 e os 39 anos (30,17%), um povoamento distinto do que se verificou em Benfica, onde se sublinharam dois intervalos de idades superiores a 64 anos e um imediatamente anterior. Os valores relativos mais importantes que observámos na população idosa, quando comparada com toda a população residente, cifraram-se nos indivíduos com intervalos de idades entre os 70 e 74 anos (5,79%) e entre os 75 e 79 anos (6,50%), como pudemos apurar na Tabela 1.

| Freguesias<br>Idades | Freguesia de Benfica |      |       |       |       |       | Freguesia de São José |       |      |       |      |       |
|----------------------|----------------------|------|-------|-------|-------|-------|-----------------------|-------|------|-------|------|-------|
|                      | HM                   | %    | H     | %     | M     | %     | HM                    | %     | H    | %     | M    | %     |
| Total                | 33598                | 100  | 14804 | 44,06 | 18794 | 55,94 | 2539                  | 100   | 1192 | 46,95 | 1347 | 53,05 |
| 12-14 anos           | 839                  | 2,50 | 414   | 1,23  | 425   | 1,27  | 48                    | 1,89  | 24   | 0,95  | 24   | 0,95  |
| 15-19 anos           | 1520                 | 4,52 | 767   | 2,28  | 753   | 2,24  | 88                    | 3,47  | 49   | 1,93  | 39   | 1,54  |
| 20-24 anos           | 1860                 | 5,54 | 920   | 2,74  | 940   | 2,80  | 131                   | 5,16  | 66   | 2,60  | 65   | 2,56  |
| 25-29 anos           | 2310                 | 6,88 | 1135  | 3,38  | 1175  | 3,50  | 248                   | 9,77  | 118  | 4,65  | 130  | 5,12  |
| 30-34 anos           | 2409                 | 7,17 | 1147  | 3,41  | 1262  | 3,76  | 297                   | 11,70 | 145  | 5,71  | 152  | 5,99  |
| 35-39 anos           | 2528                 | 7,52 | 1217  | 3,62  | 1311  | 3,90  | 221                   | 8,70  | 118  | 4,65  | 103  | 4,06  |
| 40-44 anos           | 2164                 | 6,44 | 994   | 2,96  | 1170  | 3,48  | 186                   | 7,33  | 95   | 3,74  | 91   | 3,58  |

| Freguesias<br>Idades | Freguesia de Benfica |      |      |      |      |      | Freguesia de São José |      |    |      |     |      |
|----------------------|----------------------|------|------|------|------|------|-----------------------|------|----|------|-----|------|
|                      | HM                   | %    | H    | %    | M    | %    | HM                    | %    | H  | %    | M   | %    |
| 45-49 anos           | 2148                 | 6,39 | 1012 | 3,01 | 1136 | 3,38 | 170                   | 6,70 | 96 | 3,78 | 74  | 2,92 |
| 50-54 anos           | 2089                 | 6,22 | 879  | 2,62 | 1210 | 3,60 | 151                   | 5,95 | 73 | 2,88 | 78  | 3,07 |
| 55-59 anos           | 2306                 | 6,86 | 1000 | 2,98 | 1306 | 3,89 | 174                   | 6,85 | 84 | 3,31 | 90  | 3,55 |
| 60-64 anos           | 2771                 | 8,25 | 1112 | 3,31 | 1659 | 4,94 | 166                   | 6,54 | 79 | 3,11 | 87  | 3,43 |
| 65-69 anos           | 2939                 | 8,75 | 1234 | 3,67 | 1705 | 5,08 | 127                   | 5,00 | 65 | 2,56 | 62  | 2,44 |
| 70-74 anos           | 2694                 | 8,02 | 1115 | 3,32 | 1579 | 4,70 | 147                   | 5,79 | 58 | 2,28 | 89  | 3,51 |
| 75-79 anos           | 2307                 | 6,87 | 950  | 2,83 | 1357 | 4,04 | 165                   | 6,50 | 56 | 2,21 | 109 | 4,29 |
| 80-84 anos           | 1536                 | 4,57 | 535  | 1,59 | 1001 | 2,98 | 119                   | 4,69 | 41 | 1,62 | 78  | 3,07 |
| 85-89 anos           | 863                  | 2,57 | 288  | 0,86 | 575  | 1,71 | 68                    | 2,68 | 13 | 0,51 | 55  | 2,17 |
| 90-94 anos           | 237                  | 0,71 | 60   | 0,18 | 177  | 0,53 | 22                    | 0,87 | 8  | 0,32 | 14  | 0,55 |
| 95-99 anos           | 69                   | 0,21 | 24   | 0,07 | 45   | 0,13 | 10                    | 0,39 | 4  | 0,16 | 6   | 0,24 |
| ≥ 100 anos           | 9                    | 0,03 | 1    | 0,00 | 8    | 0,02 | 1                     | 0,04 | 0  | 0,00 | 1   | 0,04 |

Tabela 1 – Total de indivíduos residentes nas duas freguesias, por faixa etária e sexo, e percentagem no total de indivíduos residentes

A Freguesia de São José incluía uma população idosa correspondente a 659 indivíduos (245 homens e 414 mulheres), já na Freguesia de Benfica residiam 10654 idosos (4207 homens e 6447 mulheres). Não obstante a primeira freguesia alojar, percentualmente, menos idosos do que a segunda, quando pensámos na população residente enquanto o universo, incluía, contudo, no contexto unicamente da população idosa residente, um maior valor percentual de idosos com idades mais elevadas ou uma população idosa mais envelhecida do que em Benfica. De facto, a Freguesia de Benfica continha uma percentagem superior a São José somente no intervalo de idades entre os 65 e 69 anos, assim como entre os 70 e 74 anos. A partir deste último intervalo foram os idosos de São José, com idades iguais ou superiores a 75 anos, que contemplaram os valores mais elevados. De salientar que a Freguesia de Benfica apresentava um número ligeiramente superior de idosos do sexo masculino (39,49%) por comparação à Freguesia de São José (37,18%), como pudemos verificar na Tabela 2. A menor longevidade dos indivíduos do sexo masculino influenciou a percentagem de idosos residentes em São José de ambos os sexos.

| Freguesias<br>Idades | Freguesia de Benfica |       |      |       |      |       | Freguesia de São José |       |     |       |     |       |
|----------------------|----------------------|-------|------|-------|------|-------|-----------------------|-------|-----|-------|-----|-------|
|                      | HM                   | %     | H    | %     | M    | %     | HM                    | %     | H   | %     | M   | %     |
| Total                | 10654                | 100   | 4207 | 39,49 | 6447 | 60,51 | 659                   | 100   | 245 | 37,18 | 414 | 62,82 |
| 65-69 anos           | 2939                 | 27,59 | 1234 | 11,58 | 1705 | 16,00 | 127                   | 19,27 | 65  | 9,86  | 62  | 9,41  |
| 70-74 anos           | 2694                 | 25,29 | 1115 | 10,47 | 1579 | 14,82 | 147                   | 22,31 | 58  | 8,80  | 89  | 13,51 |
| 75-79 anos           | 2307                 | 21,65 | 950  | 8,92  | 1357 | 12,74 | 165                   | 25,04 | 56  | 8,50  | 109 | 16,54 |
| 80-84 anos           | 1536                 | 14,42 | 535  | 5,02  | 1001 | 9,40  | 119                   | 18,06 | 41  | 6,22  | 78  | 11,84 |
| 85-89 anos           | 863                  | 8,10  | 288  | 2,70  | 575  | 5,40  | 68                    | 10,32 | 13  | 1,97  | 55  | 8,35  |
| 90-94 anos           | 237                  | 2,22  | 60   | 0,56  | 177  | 1,66  | 22                    | 3,34  | 8   | 1,21  | 14  | 2,12  |
| 95-99 anos           | 69                   | 0,65  | 24   | 0,23  | 45   | 0,42  | 10                    | 1,52  | 4   | 0,61  | 6   | 0,91  |
| ≥ 100 anos           | 9                    | 0,08  | 1    | 0,01  | 8    | 0,08  | 1                     | 0,15  | 0   | 0,00  | 1   | 0,15  |

Tabela 2 – Total de idosos residentes nas duas freguesias, por faixa etária e sexo, e percentagem no total de idosos residentes

Na freguesia de Benfica residiam 1303 idosos sem qualquer nível de escolaridade completo, 6745 (63,31%) obtiveram algum grau do ensino básico e 2606 colocavam-se entre os níveis secundários e superior. A distribuição acentuou um valor percentual igual a 12,23% de idosos sem nível de escolaridade completo, sendo as mulheres idosas com 75 ou mais anos que mais encabeçavam a ausência de escolaridade (6,48%). A obtenção do primeiro ciclo do ensino básico foi conseguida por 42,59% da população idosa residente nesta freguesia, o segundo ciclo foi completado por 7,56% da mesma população e 13,16% possuía o terceiro ciclo.

Nos diversos níveis do ensino básico estavam as mulheres em maior número (mais 13,81%). O que conferiu um grande destaque à população idosa de Benfica, quando pensámos nos níveis de escolaridade completos, foi o número de idosos que completaram o ensino secundário (9,54%) e o ensino superior (14,81%), sublinhando-se aqui os intervalos de idades dos 65 aos 69 anos e dos 75 ou mais anos.

A população idosa da freguesia de São José não era tão escolarizada, enquadrando-se 134 idosos na categoria sem nível de escolaridade completo, 464 (70,41%) concluíram algum nível do ensino básico e 61 dividiam-se entre os ensinamentos secundário e superior. São José apresentava, deste modo, 20,33% de idosos sem nível de escolaridade completo – na maioria mulheres de 75 ou mais anos (12,44%) – e 56,60% de idosos que completaram o primeiro ciclo do ensino básico, com maior ênfase novamente para os indivíduos de 75 ou mais anos, que detinham uma representação de 33,69% – formando as mulheres idosas exatamente o dobro (22,46%) dos homens idosos. Excetuando os que completaram o terceiro ciclo (8,50%), as percentagens dos indivíduos que concluíram os restantes níveis de ensino oscilavam entre os 5,31% (segundo ciclo) e os 4,55% (ensino secundário), como constatámos na Tabela 3.

### 3. Análise empírica

#### 3.1. São José

A Avenida e as suas condicionantes socioeconómicas, um ponto de compra e sociabilidades para atores sociais bem apetrechados de capitais económicos, quer fossem figuras de destaque do país e do estrangeiro ou outras que não vigoravam nas colunas sociais, promoviam as componentes necessárias para um olhar fugaz, menos curioso, menos intrusivo e também menos informado sobre os idosos do bairro. Para além disto, a Avenida descrevia como que uma fronteira que nutria alguns constrangimentos entre os mesmos (Fischer, 1982), já que se alguns se contentavam em ficar sentados nos bancos, pois não podiam usufruir de nada mais, outros condenavam os primeiros preferindo passear e ver as montras e outros ainda recusavam-se a passar o seu tempo aí, condenando aqueles que o faziam. Contudo, não só a Avenida motivava lacunas no povoamento do bairro pelos idosos que aí residiam, como também a ausência de ofertas de lazer para os mesmos no interior do bairro e algumas das condições urbanísticas que aí se faziam sentir, como sejam a grande inclinação das ruas e os prédios sem elevador. Os idosos ocupavam, então, grande parte do tempo em casa, também porque possuíam poucos capitais económicos e sociais, sendo raros aqueles que frequentavam assiduamente cafés, o que podia ser igualmente atribuído ao conservadorismo decorrente das idades avançadas e da ausência de oportunidades de escolarização, um dos contributos do Estado Novo.

Mesmo assim, alguns idosos havia que, durante a tarde, conversavam nos bancos da Avenida, e, pela manhã, muitos faziam as compras no comércio do bairro e assistiam semanalmente à missa na Igreja de São José. No caminho para estas atividades ou ao longo das mesmas ocorriam diversas sociabilidades mais ou menos longas, comuns e regulares. Se estes mostraram que as classes com poucos capitais económicos tinham menos laços e redes sociais, sublinharam ainda o enorme número de pessoas com quem formavam laços de vizinhança (Timonen, 2008), por meio dos quais se desenrolavam interações e sociabilidades, muito motivadas pelo aperto da malha urbana, o que permitia inclusive conversas à janela, componentes do bairrismo de São José (Cordeiro, 2001; Costa, 1999).

*“(…) para me sentar nos bancos eu não vou para a Avenida da Liberdade, ia quando comia lá, pronto, de resto não... vou dar uma voltinha assim a andar, para sentar nos bancos não (...)” (Helena Santos, 86 anos)*

| Freguesias   |    | Freguesia de Benfica |            |            |           | Freguesia de São José |            |            |           |
|--------------|----|----------------------|------------|------------|-----------|-----------------------|------------|------------|-----------|
|              |    | Total                | 65-69 anos | 70-74 anos | ≥ 75 anos | Total                 | 65-69 anos | 70-74 anos | ≥ 75 anos |
| Escolaridade | HM | 1303                 | 166        | 297        | 840       | 134                   | 17         | 22         | 95        |
|              | %  | 12,23                | 1,56       | 2,79       | 7,88      | 20,33                 | 2,58       | 3,34       | 14,42     |
|              | H  | 269                  | 46         | 73         | 150       | 22                    | 5          | 4          | 13        |
|              | %  | 2,52                 | 0,43       | 0,69       | 1,41      | 3,34                  | 0,76       | 0,61       | 1,97      |
|              | M  | 1034                 | 120        | 224        | 690       | 112                   | 12         | 18         | 82        |



| Freguesias            | Escolaridade | Freguesia de Benfica |            |            |           | Freguesia de São José |            |            |           |
|-----------------------|--------------|----------------------|------------|------------|-----------|-----------------------|------------|------------|-----------|
|                       |              | Total                | 65-69 anos | 70-74 anos | ≥ 75 anos | Total                 | 65-69 anos | 70-74 anos | ≥ 75 anos |
|                       | %            | 9,71                 | 1,13       | 2,10       | 6,48      | 17,00                 | 1,82       | 2,73       | 12,44     |
| Ensino básico         | HM           | 6745                 | 1773       | 1727       | 3245      | 464                   | 92         | 104        | 268       |
|                       | %            | 63,31                | 16,64      | 16,21      | 30,46     | 70,41                 | 13,96      | 15,78      | 40,67     |
|                       | H            | 2637                 | 712        | 685        | 1240      | 192                   | 49         | 45         | 98        |
|                       | %            | 24,75                | 6,68       | 6,43       | 11,64     | 29,14                 | 7,44       | 6,83       | 14,87     |
|                       | M            | 4108                 | 1061       | 1042       | 2005      | 272                   | 43         | 59         | 170       |
|                       | %            | 38,56                | 9,96       | 9,78       | 18,82     | 41,27                 | 6,53       | 8,95       | 25,80     |
| 1º ciclo              | HM           | 4538                 | 1037       | 1130       | 2371      | 373                   | 66         | 85         | 222       |
|                       | %            | 42,59                | 9,73       | 10,61      | 22,25     | 56,60                 | 10,02      | 12,90      | 33,69     |
|                       | H            | 1660                 | 385        | 416        | 859       | 143                   | 34         | 35         | 74        |
|                       | %            | 15,58                | 3,61       | 3,90       | 8,06      | 21,70                 | 5,16       | 5,31       | 11,23     |
|                       | M            | 2878                 | 652        | 714        | 1512      | 230                   | 32         | 50         | 148       |
|                       | %            | 27,01                | 6,12       | 6,70       | 14,19     | 34,90                 | 4,86       | 7,59       | 22,46     |
| 2º ciclo              | HM           | 805                  | 244        | 206        | 355       | 35                    | 3          | 10         | 22        |
|                       | %            | 7,56                 | 2,29       | 1,93       | 3,33      | 5,31                  | 0,46       | 1,52       | 3,34      |
|                       | H            | 330                  | 102        | 90         | 138       | 17                    | 2          | 4          | 11        |
|                       | %            | 3,10                 | 0,96       | 0,84       | 1,30      | 2,58                  | 0,30       | 0,61       | 1,67      |
|                       | M            | 475                  | 142        | 116        | 217       | 18                    | 1          | 6          | 11        |
|                       | %            | 4,46                 | 1,33       | 1,09       | 2,04      | 2,73                  | 0,15       | 0,91       | 1,67      |
| 3º ciclo              | HM           | 1402                 | 492        | 391        | 519       | 56                    | 23         | 9          | 24        |
|                       | %            | 13,16                | 4,62       | 3,67       | 4,87      | 8,50                  | 3,49       | 1,37       | 3,64      |
|                       | H            | 647                  | 225        | 179        | 243       | 32                    | 13         | 6          | 13        |
|                       | %            | 6,07                 | 2,11       | 1,68       | 2,28      | 4,86                  | 1,97       | 0,91       | 1,97      |
|                       | M            | 755                  | 267        | 212        | 276       | 24                    | 10         | 3          | 11        |
|                       | %            | 7,09                 | 2,51       | 1,99       | 2,59      | 3,64                  | 1,52       | 0,46       | 1,67      |
| Ensino secundário     | HM           | 1016                 | 382        | 239        | 395       | 30                    | 8          | 12         | 10        |
|                       | %            | 9,54                 | 3,59       | 2,24       | 3,71      | 4,55                  | 1,21       | 1,82       | 1,52      |
|                       | H            | 503                  | 180        | 130        | 193       | 14                    | 4          | 4          | 6         |
|                       | %            | 4,72                 | 1,69       | 1,22       | 1,81      | 2,12                  | 0,61       | 0,61       | 0,91      |
|                       | M            | 513                  | 202        | 109        | 202       | 16                    | 4          | 8          | 4         |
|                       | %            | 4,82                 | 1,90       | 1,02       | 1,90      | 2,43                  | 0,61       | 1,21       | 0,61      |
| Ensino pós-secundário | HM           | 12                   | 7          | 2          | 3         | 0                     | 0          | 0          | 0         |
|                       | %            | 0,11                 | 0,07       | 0,02       | 0,03      | 0,00                  | 0,00       | 0,00       | 0,00      |
|                       | H            | 8                    | 4          | 1          | 3         | 0                     | 0          | 0          | 0         |
|                       | %            | 0,08                 | 0,04       | 0,01       | 0,03      | 0,00                  | 0,00       | 0,00       | 0,00      |
|                       | M            | 4                    | 3          | 1          | 0         | 0                     | 0          | 0          | 0         |
|                       | %            | 0,04                 | 0,03       | 0,01       | 0,00      | 0,00                  | 0,00       | 0,00       | 0,00      |
| Ensino superior       | HM           | 1578                 | 611        | 429        | 538       | 31                    | 10         | 9          | 12        |
|                       | %            | 14,81                | 5,73       | 4,03       | 5,05      | 4,70                  | 1,52       | 1,37       | 1,82      |
|                       | H            | 790                  | 292        | 226        | 272       | 17                    | 7          | 5          | 5         |
|                       | %            | 7,42                 | 2,74       | 2,12       | 2,55      | 2,58                  | 1,06       | 0,76       | 0,76      |
|                       | M            | 788                  | 319        | 203        | 266       | 14                    | 3          | 4          | 7         |
|                       | %            | 7,40                 | 2,99       | 1,91       | 2,50      | 2,12                  | 0,46       | 0,61       | 1,06      |

Tabela 3 – Níveis de escolaridade completos obtidos pelos idosos residentes, por faixa etária e sexo, e percentagem no total de idosos residentes

*“Vamos até à Avenida, ou eu chego primeiro ou elas chegam primeiro, quando há espaço nos bancos sentamo-nos perto uns dos outros, quando não há espaço nos bancos vamos para outros bancos (...)” (Paulo Cabrito, 88 anos)*

*“(...) a mãe chegou a vir para a varanda gritar por mim: “Dona Raquel chame a polícia!”. E eu disse assim: “Olhe que isso é que eu não faço”. Não ia chamar a polícia, então... Ela é que podia pedir lá à do prédio dela para ligar (...)” (Raquel Ribeiro, 88 anos)*

Porém, os idosos relacionavam-se pouco com aqueles que não constituíam laços de parentesco e de vizinhança, podendo assistir-se a uma completa restrição da rede de parentesco (Adam e Roncevic, 2003).

Nos últimos casos, a rede de parentesco não lhes prestava quaisquer apoios, podendo contar com dois laços de vizinhança (os laços formais dos elementos que integravam a Junta e residiam no bairro e os laços informais dos vizinhos que não pertenciam à Junta) para a prestação dos grandes apoios simbólicos. Em outros casos, os mais comuns no leque dos entrevistados, as redes dos idosos integravam um a cinco laços de parentesco que lhes prestavam os grandes apoios (simbólicos e materiais), para além disso, continham redes amicais de vizinhança compostas por cinco a oito indivíduos, que eram considerados amigos mais ou menos próximos, podendo os mais próximos dar-lhes grandes apoios simbólicos. Todos os idosos residentes em São José mantinham semanalmente contacto com dez a trinta vizinhos que não consideravam, no entanto, amigos, mas integrantes das suas redes de conhecimento vicinal. Os poucos nós (indivíduos) que integravam as suas redes a nível dos apoios, exatamente por serem tão poucos e tão importantes (Sennett, 2006), continham uma enorme força que era inigualável e insubstituível, entrecruzando-se os reduzidos recursos dos laços e das redes, por via da sua pequena densidade e aqui tinha menos quem mais necessitava (Coenen-Huther, Kellerhals e Allmen, 1994), com a sua enorme força ou a existência dos laços mais fortes para quem menos os tinha.

*“(...) eu precisava de alguém que fosse ao hospital buscar-me e foi ela é que me foi buscar. De família não tinha ninguém, o meu filho não apareceu nem o meu neto. Esses não prestam, não se pode contar com eles, nem conto.”* (Fernando Pinto, 93 anos)

*“(...) os meus irmãos coitados todos tinham pena de mim, que era eu que não tinha uma casa, alguns nem votaram nada, deram o papel em branco, pelo menos dois, e, então... e eu dei dois mil contos, ninguém deu tanto e a casa ficou para mim (...)”* (Raquel Ribeiro, 88 anos)

Desde a infância que os indivíduos contavam com esta força dos laços, pois as privações que sofreram no seio das suas famílias nucleares obrigavam a uma grande coesão e entreajuda, quer entre os pais e os filhos, ajudando-se mutuamente, por exemplo, nos trabalhos do campo e com os animais, quer entre todos os irmãos, dividindo tarefas ou realizando-as em conjunto. A partir de uma idade muito jovem os indivíduos começaram a exercer uma atividade profissional e, alguns destes, abandonaram as aldeias ou as vilas onde nasceram, por força da impossibilidade de se bastarem a si próprios naqueles locais, onde se assistia a uma grande escassez de empregos. O casamento surgiu após deixarem a casa dos pais e estarem profissionalmente inseridos em empregos imputáveis ao operariado (Rank e Hirchl, 2001). Mesmo quando não foram diretamente para São José acabaram por aí adotar a solução da coabitação com um irmão ou irmã que estava já instalado ou da habitação no mesmo prédio, podendo também recorrer ao aluguer de quartos.

*“(...) até a professora chegou a chamar a minha mãe que Deus tem para ver se conseguiam que eu seguisse os estudos, mas eles não tinham possibilidades financeiras e tive que desistir (...) entretanto empreguei-me (...).”* (Fernanda Pereira, 81 anos)

*“Depois, fui ali para uma irmã minha morar... Quer-se dizer, alugámos a casa as duas, mas depois a gente zangou-se, a casa como estava no nome dela eu tive que me vir embora.”* (Sónia Ferrão, 79 anos)

Estas condicionantes do curso de vida eram impulsionadoras de uma manutenção dos valores ditatoriais muito relacionados com a importância da família, a jusante do conservadorismo (nomeadamente no que diz respeito às questões de género). Efetivamente, uma grande parte dos idosos não consideravam que qualquer nó das redes de vizinhança integrava a sua família e colocavam, no máximo, alguns nós na posição de “mais ou menos” familiares sem serem contudo verdadeiramente familiares. Algumas condições urbanísticas do bairro, se bem que outras promoviam as conversas de janela, e os poucos espaços preparados para os idosos socializarem constituíam entraves às sociabilidades com os vizinhos e, conseqüentemente, outra motivação da forma como encaravam as suas redes de relacionamento vicinal. O catolicismo estava muito patente nos idosos residentes em São José, bem como a ausência de ações para o melhoramento do espaço, excetuando o trabalho profissional, ou de reivindicações das injustiças espaciais, se bem que pudessem conversar, timidamente, sobre o mesmo (Rank e Hirchl, 2001), outras componentes pelas quais o Estado Novo se pautou.

*“Ah! Considero-os amigos (...) Porque não são da minha família. Considero que são vizinhos, são as pessoas amigas...”* (Jacinta Amaral, 83 anos)

*“Quando a gente se encontra ou no caminho da missa é quando a gente fala mais, quando vem da missa, vem às vezes muita gente junta e a gente conversa (...)”* (Ana Silva, 81 anos)

*“Na brincadeira diz-se: ‘Nunca mais põem aqui um elevador!’”* (Eduardo Coroa, 84 anos)

*“Não estou a ver assim motivos para tal (...) se houvesse talvez aproveitasse, mas não sinto assim grande falta disso (...) parece que não tenho ambição por isso, não estou a ver assim... Vou-me sentido com o que posso!”* (Paulo Cabrito, 88 anos; resposta à pergunta sobre se gostava de usufruir de uma sala de convívio na Avenida)

### 3.2. Benfica

Ao contrário do Bairro de São José onde se encontrava uma homogeneidade entre os idosos quanto aos capitais escolares, económicos e sociais, bem como quanto ao edificado, a freguesia de Benfica era palco de uma heterogeneidade (Cann e Dean, 2009; Fernandes, 2001; Timonen, 2008; Vincent, Phillipson e Downs, 2006) entre os seus idosos residentes e os edifícios que a compunham. Um exemplo era a Rua dos Arneiros, onde coexistiam indivíduos de diferentes faixas etárias e classes sociais, muito devido aos seus dois lados díspares: o lado nordeste, de edificação mais recente unicamente em metade da rua, habitada por idosos com recursos escolares correspondentes a licenciaturas ou ao ensino secundário, e o lado sudoeste, de edificação mais antiga, integrando idosos com escolaridades (o ensino básico ou uma fração do mesmo) e rendimentos inferiores. Outras zonas de Benfica, especialmente muito próximas da Rua dos Arneiros, como o Bairro do Charquinho e a Calçada do Tojal, continham idosos com características semelhantes aos últimos.

Em traços largos, os últimos possuíam menos grandes apoios simbólicos da rede de parentesco (de entre um a quatro parentes, normalmente filhos e irmãs), observando-se uma restrição algo pronunciada (Portugal, 1995; Vasconcelos, 2002) e uma pequena parcela dava grandes apoios simbólicos e materiais aos filhos e aos netos, como sejam ajudá-los economicamente todos os meses ou quando mais precisavam e tomar conta dos netos antes de atingirem a idade escolar ou mesmo depois desta idade. Das redes amicais destacavam-se os vizinhos com quem interagiam regularmente nos bancos, cafés, restaurantes e mesmo nos passeios da rua, quando pensámos no Bairro do Charquinho acrescia o Centro de Dia do Charquinho como espaço promotor de contactos. Estes laços amicais de vizinhança eram considerados da família, assim como os laços amicais fora da vizinhança, nos casos em que prestavam apoios importantes aos indivíduos que não eram prestados pela família. Existiam, no entanto, idosos que se afastavam desta tendência sobre o modo como encaravam os amigos ou as suas representações sobre os mesmos e o modo como se compunham as suas redes de parentesco e as suas funções, pois se estes apoios eram consistentemente prestados pela família as redes amicais deixavam de ocupar o seu lugar.

*“(...) quando os miúdos eram pequenos as minhas tias para eu poder ir trabalhar ficavam com eles, isso é uma coisa importantíssima, não é, as minhas primas vinham aqui para casa (...) para ficar com os miúdos (...) Quando tive doente eles foram excepcionais (...)”* (Marta Tenente, 65 anos; lado sudoeste da Rua dos Arneiros)

*“(...) as irmãs, os primos, as primas... é que eu considero família, de resto isso são pessoas que não são família (...) gosto delas todas, mas é tudo diferente.”* (Lúcia Estevão, 78 anos; Bairro do Charquinho)

Por seu turno, os idosos residentes no lado nordeste da Rua dos Arneiros, não tinham restrições apreciáveis da rede de parentesco (Kellerhals e McCluskey, 1988; Portugal, 1995; Vasconcelos, 2002), mesmo assim prestavam mais grandes apoios aos filhos e aos netos do que recebiam, os grandes apoios cifravam-se em quantias económicas que eram dadas aos filhos em caso de necessidade e tarefas do cuidar, sem qualquer tipo de regularidade, direcionadas para os netos (Attias-Donfut, 1995; Attias-Donfut e Segalen, 2007; Brannen, Moss e Mooney, 2004). Estes idosos destacavam ajudas importantes dos filhos, ou de outros membros da família, como as irmãs (em situações de doença grave ou de necessidade de uma quantia importante de dinheiro). Em um número relevante de casos, observaram-se redes de vizinhança coesas (contendo entre dois a seis nós) que eram mantidas por intermédio de sociabilidades de café longas e regulares e (ou) programas culturais (Agier, 1999), aqueles que as preenchiavam podiam ser de certo modo

considerados familiares, o mesmo podia acontecer com as redes amicais fora da freguesia (geralmente com três a dez nós).

*“(...) fui buscar a Maria, dei banho à Maria, o jantarinho da Maria, brinquei com ela (...) há dias em que eu não fico com ela. Vou às vezes buscá-la à escola se o pai não pode vir (...) Ai! Adora dormir em casa da avó!”* (Sandra Cardoso, 69 anos, lado nordeste da Rua dos Arneiros)

*“(...) nessa altura nós era bom dia, boa tarde, não tínhamos relacionamento nenhum, porque não se proporcionava, porque não havia aqui um café (...) conversamos sobre vários temas (...) vamos, por vezes, a eventos culturais (...)”* (Luís Bastos, 68 anos; lado nordeste da Rua dos Arneiros)

As teorias da modernidade avançada, quando colocaram o enfoque nos indivíduos enquanto atores sociais individualizados (Beck, Giddens e Lash, 2000), descuraram a discussão em torno do enriquecimento dos laços modernos, nos quais os apoios dados pela rede de parentesco se alargavam a todos aqueles que eram muito próximos afetivamente, extravasando o conceito de consanguinidade (Widmer, 2010). Porém, alertaram para as múltiplas restrições familiares e amicais (Beck e Beck-Gernsheim, 2001) que se faziam sentir em bairros como o Charquinho ou em locais como o lado sudoeste da Rua dos Arneiros e a Calçada do Tojal, apesar das componentes de bairrismo aí existentes (Costa, 1999).

*“(...) ai sim, são mais que família até (...) há um chavão que agora as pessoas usam muito que é: ‘A família herda-se e os amigos escolhem-se’. Mas, de facto, é uma realidade, os amigos escolhemos e somos escolhidas por eles também, não é (...)”* (Marta Tenente, 65 anos; lado sudoeste da Rua dos Arneiros)

*“[No aniversário] este ano não comemorei com ninguém, fiquei em casa todo o dia, o meu filho não pôde vir (...) este Natal nem me vesti nem saí de casa. Sozinha! (...) e a Páscoa a mesma história!”* (Sofia Baptista, 67 anos, Calçada do Tojal)

Realmente, por não terem sofrido tantas carências na infância, podendo até ter terminado uma licenciatura durante a adolescência ou completado o ensino secundário, os idosos de Benfica podiam não atribuir tanta importância ao conceito de família, como o faziam os idosos de São José, existindo aqui uma influência das restrições familiares que não tinha um efeito causal significativo em São José, até porque alguns idosos de Benfica, designadamente aqueles que residiam no lado nordeste da Rua dos Arneiros, não precisaram da família para se instalar na freguesia, uma vez que possuíam rendimentos que lhes permitiram fazê-lo com o seu cônjuge ou individualmente sem receberem apoios materiais da rede de parentesco. Relativamente a estes últimos idosos, os mesmos rendimentos, ou outras regalias que derivaram de uma maior escolarização, também os motivaram, frequentemente, a conhecer outros países do mundo, tendo uma visão globalmente mais alargada e informada, fruto ainda da maior informação proveniente dos *mass media* de que usufruíam sobejamente, das leituras e da frequência de espetáculos culturais.

*“(...) e eu fui para Angola para uma missão que foi nas chamadas Terras do Fim do Mundo, que era o Cuando-Cubango, que é a parte sudeste de Angola, simplesmente essa missão passou por outras zonas, passou pelo Huíla, passou por Moçâmedes (...)”* (Samuel Luz, 82 anos, lado nordeste da Rua dos Arneiros)

*“Tenho algumas amigas aqui... algumas, a Clara (...) é que foi sempre a amiga mais próxima e continua (...) ela vem cá a casa, vem cá buscar livros que ela gosta muito de ler e vem aqui à biblioteca, conversamos muito de várias coisas, conversamos sobre todos os assuntos mais ou menos (...)”* (Raquel Cruz, 83 anos; lado nordeste da Rua dos Arneiros)

Os habitantes idosos do lado nordeste da Rua dos Arneiros intervinham no espaço urbano de Benfica (Archer, 1995; Elder & Hitlin, 2007, Mouzelis, 1991) quer intercedendo a seu favor e dos outros residentes, por meio de contactos telefónicos com a Junta de Freguesia ou por correio eletrónico, quer fazendo abaixo assinados ou reclamações orais às entidades direta ou indiretamente relacionadas com diversos assuntos como as obras públicas ou a manutenção dos espaços verdes, geralmente da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa, quer criando e organizando espaços para os residentes da freguesia, como foi o caso da Universidade Sénior de Benfica. Podendo conversar sobre o espaço, os idosos residentes no lado sudoeste da rua, no Bairro do Charquinho e na Calçada do Tojal não eram interventivos ao nível acional, isto é, não era

habitual tomarem iniciativas para o melhoramento do espaço ou reclamarem algo com que não concordavam, surgindo, no entanto, indivíduos do lado sudoeste da rua que se afastavam ligeiramente da regra. Os residentes idosos de Benfica povoavam, ao longo do dia, muitos dos espaços disponíveis, embora o fizessem com distintas intensidades, dependendo da preferência e disponibilidade económica, e podiam nem sequer frequentar a igreja.

“(…) hoje já há várias associações aqui em Benfica, de uma das quais eu faço parte e até fui sócio fundador, que é muito útil para o bairro (…) é uma associação intergeracional (…) É a STIMULI que é uma associação de cultura e arte de Lisboa e que tem agregada uma universidade intergeracional que é a UNISBEN (…)” (Luís Bastos, 68 anos; lado nordeste da Rua dos Arneiros)

“(…) Olhe, sinceramente não! Melhoro na minha perspetiva de pessoa que tenho que ter respeito pela... não deitar nada para o chão, mas não, não porque também não tenho vida para isso, não é, e também nem nunca... e também não me sinto com capacidade (...)” (Sofia Baptista, 67 anos, Calçada do Tojal)

“À Estrada de Benfica vou quando tenho de ir lá a lojas (...) sempre que posso... que tenho tempo e, em geral, quando vou ao Colombo tenho tempo, vou pelas hortas (...) eu dantes ia ao Continente no Colombo (...)” (Antónia Vinhas, 76 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros)

### **Nota conclusiva**

Não se apresentando uma análise detalhada das descobertas a que esta investigação permitiu chegar, pretendeu-se mostrar um *overview* do que foi observado no decurso das pesquisas de terreno em ambas as freguesias, por meio dos trabalhos de observação, das histórias de vida e das entrevistas semiestruturadas. Daqui decorreu uma continuidade dos parâmetros ditatoriais mais marcantes que se formalizava nos quotidianos, sociabilidades e representações dos idosos residentes em São José. Contrariamente, observaram-se determinados indícios de mudança em Benfica, mais precisamente, nos idosos que habitavam do lado nordeste da Rua dos Arneiros e em uma pequena fração do lado sudoeste. Estes podiam não conferir uma importância crucial ao conceito de família, não ser católicos, não estar fechados ao exterior e intervir dinamicamente no espaço urbano (semi)público. Os capitais escolares e os inerentes capitais económicos, assim como as idades das populações idosas de ambas as freguesias, evidenciaram ser fundamentais nestes domínios, deduzindo-se que quanto mais tempo conviveram com o regime do Estado Novo, mais consciencializaram, portanto, os seus ditames e mais penalizados ficaram com os mesmos.

### **Referências bibliográficas**

Adam, Frane & Roncevic, Borut (2003). “Social capital: recent debates and research trends”, *Social Science Information*, 42(2), 155-183.

Agier, Michel (1999). *L'Invention de la Ville: Banlieues, Townships, Invasions et Favelas*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines.

Archer, Margaret (1995). *Realist Social Theory: the Morphogenetic Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.

Attias-Donfut, Claudine (dir.) (1995). *Les Solidarités entre Génération: Vieillesse, Familles, État*. Paris: Éditions Nathan.

Attias-Donfut, Claudine & Segalen, Martine (2007). *Grands-Parents: La Famille à Travers les Générations*. Paris: Odile Jacob.

Beck, Ulrich, Giddens, Anthony & Lash, Scott (2000). *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno*. Oeiras: Celta Editora.

Beck, Ulrich & Beck-Gernsheim, Elisabeth (2001). *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. London: Sage Publications.

- Brannen, Julia, Moss, Peter & Money, Ann (2004). *Working and Caring over the Twentieth Century: Change and Continuity in Four-Generation Families*. Houndmills: Palgrave.
- Cann, Paul & Dean, Malcolm (eds.) (2009). *Unequal Ageing. The Untold Story of Exclusion in Old Age*. Bristol & Portland: The Policy Press.
- Coenen-Huther, Josette, Kellerhals, Jean & Allmen, Malik (1994). *Les Réseaux de Solidarité dans la Famille*. Lausanne: Réalités sociale.
- Coleman, James (1988). "Social capital in the creation of human capital", *American Journal of Sociology*, 94 (1), 95-120.
- Cordeiro, Graça (2001). "Territórios e identidade sobre escala de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa", *Estudos Históricos*, 28, 125-142.
- Costa, António (1999). *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Oeiras: Celta Editora.
- Durkheim, Émile (1973). *De la Division du Travail Social*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Elder, Glen, & Hitlin, Steven (2007). "Time, self and the curiously abstract concept of agency", *Sociological Theory*, 25(2), 170-191.
- Fernandes, Ana (2001). "Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança média de vida", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36, 39-52.
- Fischer, Claude (1982). *To Dwell Among Friends. Personal Networks in Town and City*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Guerreiro, Maria (2003). "Pessoas sós: múltiplas realidades", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 31-49.
- Hannerz, Ulf (1980). *Exploring the City: Inquiries toward an Urban Anthropology*. New York: Columbia University Press.
- Kellerhals, Jean & McCluskey, Huguette (1988). "Uma topografia subjectiva do parentesco. Contributo para o estudo das redes de parentesco nas famílias urbanas", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 5, 171-189.
- Mouzelis, Nicos (1991). *Back to Sociological Theory: the Construction of Social Orders*. London: The Macmillan Press.
- Parsons, Talcott, Bales, Robert & Shils, Edward (1953). *Working Papers in the Theory of Action*. New York: The Free Press.
- Portugal, Sílvia (1995). "As mãos que embalam o berço", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42, 155-178.
- Putnam, Robert (2000). *Bowling Alone: the Collapse and Revival of American Community*. New York: Touchstone Book.
- Sennett, Richard (2006). *The Culture of the New Capitalism*. New Haven: Yale University Press.
- Rank, Mark & Hirchl, Thomas (2001). "Rags or riches? Estimating the probabilities of poverty and affluence across the adult American life span", *Social Science Quarterly*, 82(4), 651-669.
- Timonen, Virpi (2008). *Ageing Societies: a Comparative Introduction*. New York: Open University Press.
- Vasconcelos, Pedro (2002). "Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe", *Análise Social*, XXXVII (163), 507-544.
- Velho, Gilberto (1987). *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Vincent, John, Phillipson, Chris & Downs; Murna (Eds.) (2006). *The Futures of Old Age*. London: Sage Publications.
- Widmer, Eric (2010). *Family Configurations. A Structural Approach to Family Diversity*. Farham e Burlington: Ashgate Publishing.